

Castro – Castelo

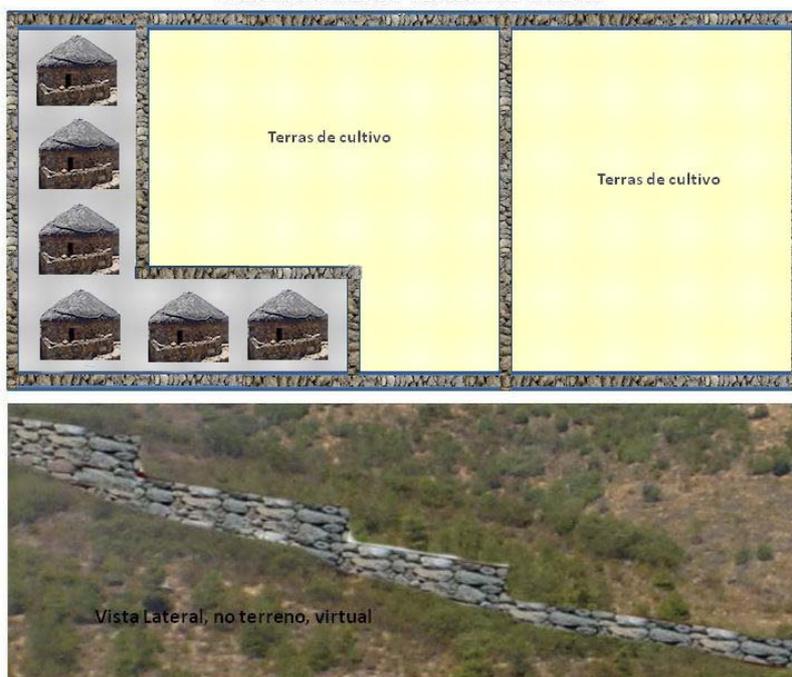
Oleiros / Bemposta

Imóvel de Interesse Público Dec. n.º 29/90, DR n.º 163/99

José Pereira (www.bemposta.net)



Planta virtual do castelo de oleiros



Foi construído sobre um alto, sobranceiro ao rio Douro, muito perto da aldeia.

É um povoado fortificado habitado na pré-histórica e posteriormente romanizado. Alguns dos restos de muralhas poderão ser da época lionesa, o que indicará reutilização. ¹

Na dúvida, e por motivos de informações desencontradas, damos as duas versões para o facto do Castelo se chamar de Oleiros. A primeira diz que se deve ao facto de aí se ter encontrado uma grande quantidade de cerâmica, característica dos castros pré-romanos. A outra diz provir de "olleiros", palavra castelhana e portuguesa antiga, na qual se juntam os "ll", pronunciando-se "olheiros", e que

¹ Instituto Português de Arqueologia

significa “olhos” ou “nascentes de água”. Ora o castro desenvolve-se numa zona de cumeada, que separa duas nascentes, as ribeiras de Costureira e Culmeães.²

Foi construído em xisto argamassado com barro, cercado por uma muralha de dois metros de altura, formando uma espécie de rectângulo, com cento e trinta metros de comprimento, por quarenta de largo. Ainda hoje podemos ver parte das muralhas.

No interior do perímetro amuralhado observa-se um conjunto significativo de alinhamentos e de alicerces que organizam estruturas de diferentes configurações e tamanhos. O local encontra-se densamente ocupado por uma vegetação de médio porte. Os materiais cerâmicos detectados à superfície do solo não foram suficientemente conclusivos para permitirem colocar uma hipótese de âmbito cronológico.

Tal como referiu pela primeira vez Francisco Sande Lemos, deverá ser sublinhado o paralelismo tipológico do Castelo de Oleiros com o Castelo de Fonte do Milho, fortificação do período romano, também implantada nas proximidades do rio Douro.³

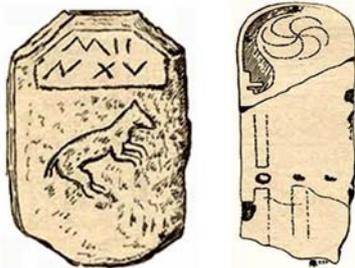
Consta, que ao fundo do cabeço, onde está o castelo de Oleiros, havia uma calçada no rio Douro, que no Verão dava passagem à cavalaria para o lado de Espanha e seguia até à povoação de Picote.⁴ Poderia ser uma alternativa à via romana, de Zamora a Miranda, que se apoiava em várias fortificações e acampamentos. Esta tinha duas estradas, que seguiam juntas de Zamora até Pereruela, aqui, separavam-se seguindo uma para norte, a calçada de Miranda, e outra para sul, calçada de Fermoselle. Esta seguia, ao aproximar-se desta vila espanhola, paralela ao rio Douro, pelas arribas.⁵ Este caminho é um prolongamento da calçada romana, denominada Via da Prata.

Atendendo a que as últimas opiniões sobre Oleiros, vão no sentido de ter sido uma quinta/acampamento dos romanos, reforçam a ideia que as tropas romanas recuperavam forças e reabasteciam-se aqui.

Nas demarcações de fronteira de 1538 consta que “O castelo de Oleiros confrontava-se do lado castelhano com um cabeço a que também designam castelo de Oleiros. Ambos os castelos estavam em ruína, semeando-se nas suas terras centeio destinado à panificação”.⁶

Por outro lado, controlava um ponto de passagem do rio Douro, defronte da desembocadura do rio Tormes, eixo fluvial de grande importância na Meseta Norte.⁷

Achados Arqueológicos



Nas ruínas do Castelo de Oleiros, foram encontradas 11 lápides funerárias.

Duas delas (foto ao lado, de Abade Baçal) encontra-se no Museu Abade de Baçal, em Bragança.

É em mármore, tem 30 cm de altura, 17 cm de largura e 3 cm de espessura. As letras têm um corpo de 2,5 cm. Faltam letras por quebraçura, percebendo-se que o defunto teria 15 anos. Por baixo da legenda está gravado grosseiramente um quadrúpede (suíno).

No mesmo local, foi descoberta uma estela discóide, de mármore, encimada por uma suástica de sete raios. Encontra-se também no mesmo museu. Tem 122 cm de altura, 38 cm de largura e a espessura é de 8 cm. Teve letras, mas desapareceram.

2 Monografia de Bemposta- José pereira e Manuel Bento

3 IPAA

4 Abade de Baçal, Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança, tomo IX, pág. 43, em Anexos.

5 Fernández Prieto, *De Zamora a Miranda do Douro*, 1963, rep 463

6 Humberto Baquero Moreno, *Demarcações de Fronteira*, Porto 2003, págs. 6-7

7 Sande Lemos, *Povoado Romano em Trás-os-Montes Oriental*, U.M. 1993, Vol I, pág. 425

Foi também encontrada uma pequena espada de prata, moedas do mesmo metal e de ouro e alguns pequenos túmulos feitos em pedra.⁸

Estes últimos eram de câmara poligonal, com pedras de granito na vertical, encimadas por outras pedras a fechar em falsa cúpula, havendo em todos uma pequena, mas bem cuidada, abertura feita com pedra talhada.⁹

Apareceu ainda um anel romano de bronze com local e engaste olheiras para duas pedras preciosas que se perderam, e, na mesma, esta inscrição: DITE SERVE.¹⁰

O estado de conservação

As muralhas encontram-se em mau estado de conservação.

Foi-me contado por idosos, que antigamente as suas muralhas serviram de matéria-prima para a construção de novas casa na aldeia. Posteriormente no tempo da construção barragem foi esta zona explorada (escavada) pelos habitantes do Cardal do Douro, que aí encontraram muitas moedas romanas.

Mais recentemente foi palco de uma investida por máquinas escavadoras, que destruíram parte das muralhas, para plantar pinheiros.

⁸ Abade de Baçal, Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança., tomo IX, pág. 681., em Anexos.

⁹ Herminio Augusto Bernardo, Povoados Castrejos Portugueses e Espanhóis da Bacia do Douro Internacional, Brigantia, 1989, págs.17-38

¹⁰ Brigantia voll